

FOLGUEDOS NATALINOS

BAIANAS

THEO BRANDÃO

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS

Museu Théo Brandão

*REITOR: Prof. Manoel Machado Ramalho de Azevedo*

*VICE-REITOR: Prof. João Azevedo*

*PRÓ-REITORES:*

*Prof. José Medeiros (Assuntos Estudantis e Comunitários).*

*Prof. José Damasceno Lima (Assuntos Acadêmicos)*

*Prof. Audálio Cândido dos Santos (Assuntos de Planejamento)*

*CHEFE DE GABINETE: Prof. Elias Passos Tenório*

*DIRETOR DO MUSEU THÉO BRANDÃO: Prof. Fernando Lôbo.*

Coleção Folclórica da UFAL

Museu Théo Brandão, de Antropologia e Folclore

Convênio: UFAL/CBDF

## APRESENTAÇÃO

*Uma apresentação para os trabalhos de Théo Brandão não deveria ser elaborado por um mero admirador de sua obra. Exige conhecimentos. Exige o sangue dos que dançam com o corpo e a alma sob os ritmos populares. Exige aquele embalo da viola chorona, do verso improvisado inteligentemente, das cores dos seus mateus, dos seus palhaços, das suas pastorinhas, dos seus... personagens que abastecem o quadro folclórico de Alagoas.*

*Não tenho a garganta para as cantigas de abrição, de louvação ao dono da casa. Ignorado nos "entremeios", no máximo veredo pela gulodice "dos pés de moleque, nos cuscus, de massa puba e de milho molhados com leite de coco, nas cocadas de coco verde, nos amendoins torrados, nos roletes de cana, nos pacotinhos de farinha de milho", (1)*

*Mas, atocaiado, o jeito que há é obedecer.*

*"Te ajoelha Guerrêro,  
Vai cumpri a tua sina,  
Botemo joelho em terra  
Vamo rezá o Divino". (2)*

*Pois, sendo "papa-sururu", nunca afastado das margens lamacentas da Mundaú, não deixei de ser o índio que embora cansado, abatido, "mas ainda duelando, ora de joelhos, ora deitado, aos embolêus, espada na mão", (3)*

*"Eu fui preso nesta aldeia  
Numa grande disciplina  
Numa roda de navaia  
Vou cumpri a minha sina". (4)*

*Théo Brandão é um patrimônio desta terra. Sua dedicação à cultura alagoana fá-lo imorredouro (se a ingratidão não incluiu entre tantos levados pela memória de Augusto Vaz Filho).*

*Dai, toda uma preocupação que possui a Universidade Federal de Alagoas em tomar a iniciativa de implantar o seu Museu*

de Antropologia e Folclore, como uma contribuição efetiva e permanente ao desenvolvimento sócio-cultural de Alagoas. Não mais uma instituição como tantas outras que morreram de inanição, marcando sua passagem entre nós, apenas, com o foguêto do nascedouro.

É o Museu, diferentemente dos que muitos possam entender, um órgão dinâmico. Não se constitui num mero depósito de material. Há um papel importante a desempenhar para o desenvolvimento de estudos, pesquisas sem se esquecer, evidentemente, da extensão, junto à comunidade.

Não se há de entendê-lo com simples promotor de exposições, nem se resumir num estimulante no alarido esfuziante dos folguedos que promove, porém compreendê-lo como instrumento pragmático, inclusive. Capaz de servir adequadamente para o "estudo do homem e de suas obras".

Já os antropólogos antigos "estavam imbuídos da convicção de que o conhecimento das culturas humanas daria vantagens práticas aos homens - na redução da crueldade, miséria e ignorância". (5)

Várias iniciativas já foram tomadas para instalação de um Museu nesta área. Inclusive projeto foi apresentado na Câmara dos Deputados. (6)

Acredito, profundamente, na importância do Museu Théo Brandão e no seu relevante papel.

Orgulha-me (desculpe-me a imodéstia) ter sido um dos responsáveis pela sua implantação. Fi-lo por dois grandes motivos. Primeiro, não se pode deixar morrer esse grande potencial folclórico alagoano, riquíssimo. Segundo, uma admiração profunda por este grande homem e cientista Théo Brandão. Se me é permitido um conselho, faço carecendo aos intelectuais alagoanos, aos homens públicos e à comunidade que sejam capazes de compreender a valiosa contribuição que esse Museu Théo Brandão poderá prestar ao engrandecimento de Alagoas. (7)

Maceió, janeiro de 1976.

JOÃO AZEVEDO

1. BRANDÃO, Théo - O GUERREIRO. DEC. — Avulsos do Folclore de Alagoas — Maceió, 1964 - p.97
2. Idem. p. 16
3. Idem. p. 30
4. Idem. Idem. p. 30
5. PELTO, Perli J. — INICIAÇÃO AO ESTUDO DA ANTROPOLOGIA — Tradução Waltensir Dutra. 2ª ed. Zahar — Ed. Rio. 1971 — p. 30
6. AZEVEDO, João. — Sínteses. Gazeta de Alagoas, 13.11.1964.
7. AZEVEDO, João. — Sínteses. Jornal de Alagoas, 30.11.1975.

## AS BAIANAS

A primeira vista pode parecer que as *Baianas* sejam personagens ou danças oriundas da Bahia. Sobretudo porque, além do nome pelo qual se designa, vestem-se elas em estilizações ou adaptações do clássico traje de *baiana*: vestidos compridos de flôres, blusas de cor, torços de seda, balangandans de imitação.

A verdade, porém, é que o folguedo é oriundo do Sul de Pernambuco, havendo penetrado no Estado a partir da primeira década do século, a princípio como clube de carnaval e, posteriormente, a partir da 3ª e 4ª décadas, como função natalina.

Não passa de uma modificação rural do Maracatu em que elementos do Pastoril e dos Côcos se misturaram a danças e canções de nítida influência religiosa negra. Por isso seu nome primitivo, ainda usado na zona rural do Norte de Alagoas e Sul de Pernambuco é *Samba de Matuto* ou *Baianal* e, devido à sua filiação religiosa negra, é que inicialmente os clubes de *Samba de matuto* e *Baianais* foram ensaiados pelos babalorixás célebres de Maceió: Manoel Aguleijú, Chico Foguinho, Zumba, etc.

Só a partir da década de 20 passou o folguedo ou dança a ser denominado de *Baiana*, quando uma variedade de cantigas de ritmo vivo, por isso denominadas "pancada-motor", tomou conta do Estado, cantigas que justamente se iniciavam pela palavra: *Baianas*, e falavam de sucessos, pessoas e coisas do decantado Sul de Pernambuco:

*Baiana,  
Se fôr a Recife  
Me traga um rife  
Do papo amarelo,  
Parabelo  
Do camo bem grosso  
Pra dá a êsse moço  
Pra atirá com ela*

Baiana,  
Se você quizê  
Eu faço um chalê  
Mode você morá,  
Parmares  
Que é terra da lua  
Que tem uma rua  
De prata e metá.

Ó Baiana,  
Eu fui a Parmares,  
Eu subo nos ares  
Eu sei falá latim,  
Mas você  
No meio da sala  
Parece um cavalo  
Comendo capim.

Fenômeno igual se deu no Rio Grande do Norte, onde Hélio Galvão recolheu várias cantigas de *Baianas*, falando igualmente em sucessos e pessoas de Pernambuco:

Ó Baiana  
Se eu fôsse tu  
Em Caruaru  
Eu não ia mais;  
Ainda ontem eu encontrei Baiana  
Com um feizo de cana  
E a polícia atrás.

Em Recife  
Chegou um tenente  
A volta é cruel  
Pra mulher sem marido  
A mulher vai pra venda  
Pra comprar fazenda  
Emendar o vestido.

Baiana  
Se fôr a Recife  
Me traga um rifle  
Do papo amarelo  
Um parabelo, com bala de aço  
Pra dar a Seu Horaço  
Pra atirar com ela.

Ao lado das cantigas, multiplicavam-se os grupos dançantes, agora pelo Natal, uns na zona rural — mais rudes e primitivos, às vezes sincretizados nos trajes e personagens com os Reisados (presença de Mateus, Catirina, chapéus enfeitados de fitas e flores, manto com galões dourados); outros, sobretudo na capital e cidades mais importantes, que adotavam o traje clássico de *Baianas* (*torço*, saia rodada, de florões, blusa, pulseiras e balan-gandans) mas sempre com influência dos Pastoris no colorido das saias, blusas ou torços; azul para um cordão, encarnado para o outro.

Ao mesmo tempo, apareciam e criavam fama os mestres falados vindos de Pernambuco: Davi e Carnaubal, de Barreiros; José Germano, de Campo Feliz; Francisco Loureiro, do Cabo; e outros já de Alagoas: Hermenegildo, de Murici; João Parafuso e João Mariano, de Camaragibe; Lió e Pedro Aleixo, de São Luis do Quitunde; Joca, de União, etc. — improvisadores e repentistas notáveis que empunhavam os ganzás e desafiavam os antagonistas entre os saracoteiros das *baianas*, o batuque dos tambores e os assovios dos *Morcegos*.

Foi a época áurea dos *Sambas de matuto e Baianais*, quando Hermenegildo cantava a propósito dos clubes esportivos de Macelé —

Baiana, quebra o chapéu,  
No jeito de namorá;  
Baiana de Hermenegildo  
Meia volta Cessá (C.S.A.)

Baiana quebra o chapéu  
Bonito para se vê;  
Baianas de Hermenegildo,  
Meia volta Cerrebê (C.R.B.)

Então, Pedro Aleixo debicava do seu rival Lió:

As baianas de Pedro Aleixo  
Pra cantá compraram um bombo;  
As baianas de Lió  
Pra jantá roubaram um lombo.

Mestre Joca, de União, ouvido por Raul Lima, então promoto na cidade do Zumbi, falava dos senhores de engenho do Estado:

No Poço, o seu Elias  
No Coité, o seu Zé Marcos,  
No Simibu, seu João César,  
No Retiro eu não vou.  
No Prata, seu João Sampaio,  
Lá no sitio do meio o seu Chico,  
Aqui na Rua da Ponte,  
O Coronel Salvador.

Era ainda a época das "peças" chamadas de "pancada de motor" por causa do seu ritmo semelhante ao das emboladas cuja influência denotam facilmente:

Plantei cana  
No raio do só,  
Plantei da mió  
Eu plantei cana fita,  
Usina apita  
Puza pra istêra  
Açúcar de premêra  
Tem a cô bonita.

Domingo  
Fui a Fernão Velho  
No mei' do caminho  
Vi um carro zúá,  
Seu Audálto  
que ia pra festa  
Vê a contra mestra  
Com seu baianá.

Depois, as Baianas acentuaram os seus ares de Pastoris: as mulheres tomaram os lugares dos ganzás e ficaram apenas com os apitos dos morcegos que tendem a desaparecer, substituíram os torços por diademas e os xales por faixas de sêda a tiracolo. Na sua maioria apenas repetiam composições, jornadas, etc. com antecedência, compostas pelo ensaiador, ou diretor, como estas das Baianas de Manoel Belo, no Poço, há mais de 10 anos:

Vou comprá um carro Fô  
Daquela nova sistema  
Pra robá uma morena,  
De Saude a Maceió,

O chofé se chama Job  
Por nome Mangeriuva  
A gasolina é a chuva  
A direção é o só.

Eu tenho um revorve M  
Da baihna de metá  
Quando êle qué dispará  
Meu peito saluça e geme;  
Amarelo, cô de creme,  
Tome êsse boquê de frô,  
O nome do meu amô  
É Jota, efe, êsse, eme.

Dinheiro e moça bonita  
É quem governa esse mundo  
Nos trajes de um vagabundo  
Os mortos se ressuscita,  
Até os pobres acredita  
Êles deseja também  
Feliz do homem que tem:  
Dinheiro e moça bonita.

Contudo, as melhores mestras são as que improvisam suas loas. Nos últimos anos têm surgido excelentes repentistas como: Georgina, de Vassouras, de Coruripe:

Dona Leopordina  
A Georgina está rimando  
O povo já está notando  
Que esta baiana não sai;  
Eu sou capaz,  
Sou fogo para tinir  
Se esta baiana não sai  
Eu aqui não venho mais.

Das Dores, do Pilar:

Meu naturá é Pilá  
Hoje 'tou em Maceió  
Eu vou morá no Faró  
Que avista a Bêra-Má.  
Todos pode acreditará  
De tôdas as Baianinhas  
A do Poço é a Rainha  
Tira em premêro lugar.

*A contra-mestra  
Da Baiana é Rita,  
Minha diretora  
Se chama Zezé;  
A minha mestra  
É muito bacana  
E as minhas baiana  
Só faz o que quê.*

Antônia Nascimento, de Garça Torta:

*Cadê a mestra  
Deste baianá,  
Eu vou rimá  
Uma peça pra ela*

*A noite é bela  
A lua é formosa,  
A sede é cô de rosa  
Com flôres amarelas*

E Irândi, atualmente a maior mestra, grande improvisadora, de voz extraordinária:

*O meu nome é Irândi Ferrêra,  
A professora da courada;  
Comigo não tem camarada  
Só vai comigo quem tivê bom.  
Eu não tenho inveja do tom  
Dessas mestas que brinca baiana:  
Na charada eu sou bacana  
No proviso eu vou chiando  
Em quarqué canto que eu stou brincando  
Digo isso porque me agaranto  
Sou ligêra que só um relampo,  
Dou istralo que só um trovão,  
Tenho força que só um vurcão,  
Foi Sansão quem me deu resistência,  
Salomão foi quem me deu ciência.*

Mas, decoradas ou improvisadas, o que interessa é o que fica das *Baianas*, além do seu ritmo original e quente, dos seus requêros dengosos com aspectos nitidos da África distante em que se esmeram as morenas côr de azeitona, canela ou jambo. São as narrações dos sucessos, episódios, acontecimentos que se refleti-

ram na mente popular e que, repetidos às vezes com vários anos de existência, mantêm a tradição sempre viva e alerta.

Aqui é a lembrança das lutas paraibanas de 1930:

*A máquina do bueiro grande  
Saiu apitando na linha de ferro,  
O maquinista gritou pro soldado  
Vamos aventurá a nossa própria guerra.  
Eu tava na estação  
Quando a corneta tocou siná,  
Arreumindo todos sordados,  
Adeus, Paraiba, até quando eu vortá,*

ali, a perseguição ao bando de Lampião:

*Arrumo meus matulão  
Compro um pá de aprecata  
Vou me despedi das mata,  
Vou mi' embora pro sertão,  
Parpita meu coração  
De pressigui cangacêro  
Só vorto para Barrêro  
Quando trouzé Lampião.*

Agora, as vicissitudes da vida nas usinas e nos engenhos:

*Eu prantei cana na Usina Lião  
Quando eu fui muê o vaco se quebrou;  
Ofereci o açuca a Lião  
— Nun quero, não, que o açuca baizou.  
Tinha valô, imbarquei pro istrangêro  
Quem tivê dinhêro compre aquela frô;  
Ô meu sinhô não fui eu que roguei fama  
Requebra, baiana, que meu mestre mandou*

A carestia da vida ainda em 1949 e bem que se diga:

*A era de 49  
Tá ruim de se passá  
Mas um pobe pai de famia  
Só leva o tempo em chorá.  
A farinha que vai comprá  
O quilo é quinze min reis  
A carne de porco é pur dez  
Pur dezoto o ciará.*

A mil e duzentos é o sá,  
Seis min reis é o arroz,  
Bacatau pur vinte e dois,  
Quatro cruzeiro o fubá  
Derna que eu peguei rimá  
Sou o bamba de Alagoa  
Se a peça num tivé boa  
Todos queira desculpá,

os sucessos locais:

Minha gente eu vou contá  
Um caso que já se deu,  
Em Jiquiá tem um home  
Que nun creia mais em Deus;  
Dia santo muito grande  
Ele saiu a pescá  
Peixe gordo cunzinhado  
fêz o home se assombrá.

Minha gente eu vou rimá  
Um caso que se passou  
No Pozim morreu um home  
Foi a mulé que matou  
O home era valente  
Empregado do lugá  
Ajuntaro a puliça  
Fizero a mulé contá,

e naturalmente o amor, sempre o amor:

Meu guia me pede  
Uma peça em cima,  
Eu descubro a rima  
Dos meste afamado,  
Eu tenho casado  
Uma fita com um laço  
Um amô com um abraço  
Em seu colo deitado.

Baiana amada  
Cadê meu amante  
Naquele instante  
Foi para o jardim  
Se está dormindo  
Acorda, chega à janela  
Pra vê meu pranto  
que não tem mais fim.